

“SÃO AS PESSOAS POBREZITAS DE ESPÍRITO QUE AGUDIZAM A POBREZA DOS POBRES”: ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA DE TESTEMUNHO PUBLICADO NA REVISTA CAIS – O MÉTODO SINCRÔNICO-DIACRÔNICO

(Critical discourse analysis of a testimony published in Cais magazine – the synchronic-diachronic method)

Viviane de Melo Resende ⁹
Mariana Carolina Marchese ¹⁰

ABSTRACT

In this paper, we analyze an editorial published in Cais magazine, Portuguese street paper affiliated to the INSP. Based upon CDA, we explore the synchronic-diachronic method to analyze one of the testimonies in the editorial, signed by a man in street situation. We show how the text explores the opposition between material poverty and “spiritual poverty”, the last classified as being more serious than the first, which seems to mitigate the severity of material poverty, put in the background. The text focuses on possible solutions to poverty only in actions of non-poor people, minimizing the agency of people in poverty to trigger changes in their situation.

Keywords: *critical discourse analysis; synchronic-diachronic method; street situation; alternative media; street papers.*

-
9. Professora adjunta do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (LIP/UnB); pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (PPGL/UnB); coordenadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS/UnB); coordenadora do grupo de pesquisa “Mobilização, direitos e cidadania: ação, representação e identificação no discurso” (DGP/CNPq).
 10. Professora da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires (UBA), onde obteve sua licenciatura na área de Letras. Investigadora do projeto UBACyT 20020100100120, coordenado pela Dra. María Laura Pardo. Bolsista do *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas* (CONICET), desenvolve atualmente sua tese de doutoramento.

RESUMO

Neste artigo, analisamos um recorte do editorial “Erradicar a pobreza”, publicado na edição 123 da revista Cais, jornal de rua português filiado à INSP. Com base na ADC, exploramos o método sincrônico-diacrônico para analisar um dos testemunhos de pessoas em situação de rua que compõem o editorial. Mostramos como o texto explora uma oposição entre pobreza material e “pobreza de espírito”, esta classificada como sendo mais grave que a primeira, o que parece mitigar a gravidade da pobreza material, colocada em segundo plano. O texto focaliza possíveis soluções para a pobreza apenas nas ações de pessoas não pobres, o que minimiza a agentividade de pessoas em situação de pobreza para acionar transformações de sua situação.

Palavras-chave: *análise de discurso crítica; método sincrônico-diacrônico; situação de rua; mídia alternativa; jornais de rua.*

Introdução

Em sua edição número 123, a revista *Cais* publicou um editorial, intitulado “Erradicar a pobreza”, em que cinco pessoas em situação de rua em Lisboa escrevem(-se), procurando construir sua definição de pobreza. É um recorte desse editorial que nos serve de objeto na análise que ora apresentamos, partindo de pressupostos teóricos da análise de discurso crítica (Fairclough, 2003; Pardo Abril, 2007; Ramalho & Resende, 2011; van Dijk, 2006a; Wodak, 2003), e mapeando o texto pelo *Método sincrônico-diacrônico para análise linguística de textos* (Pardo, 2011).

Este artigo encontra-se dividido em quatro seções. Na primeira, apresentamos uma breve contextualização da ‘imprensa de rua’ e da revista *Cais* em especial. Em seguida, discutimos aspectos da análise de discurso crítica pertinentes a nosso estudo. Na terceira seção, definimos o *Método sincrônico-diacrônico para análise linguística de textos*, desenvolvido por Pardo (2011), que nos serve de ferramenta analítica. Na quarta seção, focalizamos um dos depoimentos que compõem o editorial, analisando-o com as lentes desse método. Por fim, apresentamos nossas considerações finais sobre a análise.

1. Imprensa de rua: o caso da revista *Cais*

Vinculadas à *International Network of Street Papers* (INSP), Rede Internacional de Jornais de Rua, há hoje mais de 100 publicações dessa natureza, oriundas de mais de 40 países e de todos os continentes. A revista *Cais* pertence a essa rede, que atua “como uma plataforma global para vozes que nunca são ouvidas e defende os direitos das pessoas que vivem em situação de pobreza” (INSP, 2011). Para Acosta & Resende (2011, no prelo), isso é relevante porque “os grupos com maior poder simbólico (...) têm mais voz, no sentido de terem mais espaço e de seus enunciados terem maior penetração na sociedade. Já aos que não são dotados desse poder, os espaços para expressão são cerceados ao ponto de uma quase mudez social”.

De acordo com a Organização das Nações Unidas, há hoje, em todo o mundo, cerca de 100 milhões de pessoas nas ruas, 600 milhões vivendo em abrigos, e mais de um bilhão em moradias sem condições dignas (ONU, 2011). Não obstante, para a INSP “a crise global das pessoas em situação de rua é não apenas comum, mas também ignorada, despercebida ou mal compreendida” (INSP, 2011). É nesse sentido que Mattos e Ferreira (2004: 47-8) apresentam suas reflexões a respeito das representações sociais que se constroem acerca da pessoa em situação de rua como “vagabunda, louca, suja, perigosa ou digna de piedade”:

Alguns as vêem como perigosas, apressam o passo. Outros logo as consideram vagabundas e que ali estão por não quererem trabalhar, olhando-as com hostilidade. Muitos atravessam a rua com receio de serem abordados por pedido de esmola, ou mesmo por pré-conceberem que são pessoas sujas e mal cheirosas. Há também aqueles que delas sentem pena e olham-nas com comoção ou piedade. (...) Habitados com suas presenças, parece que estamos dessensibilizados em relação à sua condição. (...).

Observa-se, assim, a existência de representações sociais pejorativas, em relação à população em situação de rua, que se materializam nas relações sociais. Estes conteúdos interferem na constituição da identidade destas pessoas: é conhecimento socialmente compartilhado

e utilizado como suporte para a construção de suas identidades pessoais. Trata-se de conteúdos simbólicos de cunho ideológico, na medida em que favorecem a cristalização de relações de exploração e dominação.

Nesse contexto, a INSP define os *street papers* como jornais e revistas independentes, vocacionados a *oferecer oportunidades de trabalho e geração de renda* para pessoas em situação de rua, além de *garantir um apoio social mais ampliado*. Em relação à geração de renda, a distribuição dessas publicações acontece nas ruas, sendo vendidas por pessoas em situação de rua ou de risco. Cada vendedor/a administra a quantidade de jornais ou revistas que pretende comercializar, pagando pela unidade um valor que não ultrapassa a metade do preço de capa, e ficando com todo o dinheiro da venda. Em relação ao apoio social mais amplo, essas iniciativas costumam ser projetos de organizações não governamentais mais abrangentes, que sustentam tanto as publicações como outros projetos institucionais.

A revista *Cais* é um dos projetos da Associação Cais, uma associação de solidariedade social que, criada em 1994, “tem como missão contribuir para o melhoramento global das condições de vida de pessoas sem casa/lar, social e economicamente vulneráveis, em situação de privação, exclusão e risco”. A partir de 2003, houve uma expansão da área de atuação pela criação do Centro Cais, que apoia “pessoas sem casa e outros grupos excluídos e empobrecidos, na gestão de seu tempo livre”. Hoje há dois desses centros em funcionamento, um em Lisboa e um no Porto. Os objetivos declarados da associação são: “colocar na ordem do dia as temáticas relacionadas com a Pobreza e Exclusão social; potenciar o trabalho em Rede e consolidar parcerias; valorizar os beneficiários (utentes) do sistema social enquanto elementos críticos e activos; desenvolver e implementar estratégias de intervenção social adequadas às necessidades das populações alvo” (Cais, 2011).

Além da revista, a associação dirige outros projetos, voltados para o acesso à cultura, a inclusão pelo esporte, a criação de postos de trabalho, o estímulo à criatividade e à arte, além de congressos

anuais que resultam em publicações temáticas. A revista *Cais*, primeira criação da associação, é definida como “um instrumento de capacitação para a participação de pessoas em situação de sem-abrigo”. Seu objetivo declarado é “despertar os leitores e a opinião pública em geral para as problemáticas sociais relacionadas com os sem-abrigo e com outras formas de exclusão” (Cais, 2011).

No que diz respeito à história da constituição da *Cais*, a revista passou por três diferentes fases desde a sua fundação no final de 1994. No início, *Cais* era um magazine de atualidades baseado no conceito de fotojornalismo. Desde essa fase inicial, era uma revista que visava ser de interesse para o público em geral, e não uma revista temática sobre a situação de rua ou risco. A partir de 2001, tornou-se uma revista temática, mas sempre voltada para temas da atualidade: cada edição explorava um tema específico, e eram convidadas várias pessoas a colaborar com textos e fotografias. Depois, o objetivo passou a ser “fazer uma revista mais de acordo com o modelo da imprensa comercial; uma revista que tem várias seções. (...) Esse é um formato de uma revista mais aberta, mais para o grande público, mais jornalística”.¹¹

As seções, temáticas, são fixas – aparecem em todos os números e são assinadas sempre pelas mesmas pessoas, especialistas que doam seus textos para a associação, e assim tornam-se colaboradoras da *Cais*. Os/As colaboradores/as são, em grande parte, pessoas ligadas ao mundo acadêmico; muitos/as são professores/as de instituições universitárias. As seções orbitam em torno de temas como meio-ambiente, tecnologia, empreendedorismo, justiça, sociedade, política, esporte.

2. Análise de Discurso Crítica

Este trabalho posiciona-se no marco teórico da análise de discurso crítica (ADC), em sua vertente europeia (Fairclough, 1992,

11. Entrevista concedida a Viviane Resende pelo editor da revista, na Associação Cais, em Lisboa, em julho de 2011.

2001, 2003; van Dijk, 1993, 1999, 2003, 2006; Wodak, 2000, 2003) e em sua vertente latinoamericana (Magalhães, 2000; Montecino, 2010; Pardo Abril, 2007; Pardo, 2008; Ramalho & Resende, 2011; Silva, 2007). Nossa opção por esse aparato teórico-prático decorre do objetivo da ADC de estudar, com base no discurso, situações de exclusão social e relações de poder-dominância, especialmente aquelas que decorrem da aplicação de políticas socioeconômicas associadas ao modelo neoliberal.

Para van Dijk (1993), a ADC diferencia-se de outras perspectivas de Análise de Discurso (AD) justamente porque a análise de conflitos e problemáticas sociais objetiva lograr uma maior compreensão desses problemas, pela lente do discurso. Nesse sentido, Fairclough (2003), com base no Realismo Crítico formulado por Bhaskar (1998), propõe uma teoria do funcionamento social da linguagem com vistas para a possibilidade de formulação de uma crítica explanatória de problemas sociais parcialmente discursivos, ou seja, de possibilitar a compreensão acurada desses problemas visando à superação dos mecanismos que os sustentam. Wodak (2000) acrescenta que investigações em ADC têm como objetivo a aplicação prática dos resultados da análise.

Conforme a definição de van Dijk (2003), a ADC não é uma subdisciplina da AD, nem um método ou uma teoria que se possa aplicar ao estudo de problemas sociais, mas uma perspectiva crítica sobre a realização do saber que, com base no estudo do discurso, concentra-se em conflitos sociais. Assim, compartilhando escopo e pressupostos epistemológicos, há uma diversidade de posturas teóricas e métodos analíticos associados à ADC (Resende, 2009). Sobre sua origem, Wodak (2003) lembra que a ADC surgiu em um contexto no qual a sociolinguística se preocupava mais em descrever as variações de uso da linguagem e as estruturas de interação comunicativa, em função de variáveis desvinculadas do exercício de controle social, que em analisar questões relacionadas à hierarquia social e ao abuso de poder. Por isso, a ADC se configurou na esteira da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) – para a qual não há arbitrariedade no uso dos signos e os sistemas linguísticos são

abertos, e portanto estão sob influência de seu uso social – e da Linguística Crítica (Fowler *et al.*, 1979), que focaliza relações entre texto e poder (Magalhães, 2004).

Assim, a ADC diferencia-se de outras vertentes teóricas vinculadas à AD por seu interesse não apenas em descrever processos sociais, mas também em interpretá-los em relação a seus contextos sócio-históricos. Por isso, os programas de investigação propostos por analistas de discurso críticos/as da Europa, compartilhados e recontextualizados por analistas da América Latina (Pardo, 2010), consideram que “o contexto histórico é sempre analisado, teorizado e integrado à interpretação de discursos e textos” (Wodak, 2000: 129).

Desse modo, analistas de discurso críticos/as latinoamericanos/as concordam que os processos sociais pesquisados exigem uma profunda e detalhada investigação de sua complexidade, que supere explicações unidirecionais. Por isso, pesquisas informadas pela ADC incluem uma perspectiva interdisciplinar especialmente pertinente para que se realizem as interpretações de dados analisados em seus aspectos linguísticos. Dada a complexidade da tarefa, é altamente desejável a configuração de grupos de pesquisa, organizados em torno de objetivos comuns, focalizando objetos semelhantes e compartilhando reflexões teórico-metodológicas e resultados analíticos. Essa é a natureza da *Red Latinoamericana de Análisis Crítico del Discurso de las personas sin techo y en extrema pobreza* (REDLAD), em cujo escopo este trabalho se insere.

Em relação ao conceito de ‘crítico’, Wodak (2003) sugere que, ainda que remonte à Escola de Frankfurt, em ADC se utiliza com um sentido mais amplo, para denotar que o objetivo perseguido é tornar visíveis os modos como o discurso opera em relações de discriminação, abuso de poder e controle social. Nesse sentido, Chouliaraki e Fairclough (1999: 67) argumentam que a lógica da análise crítica é “orientada para mostrar como o momento discursivo trabalha na prática social, do ponto de vista de seus efeitos em lutas hegemônicas e relações de dominação”. Ramalho & Resende (2011: 31) ainda acrescentam que “a perspectiva ‘crítica’ da ADC, herdada também de suas origens na Linguística

Crítica (...), assenta-se no diálogo com a Ciência Social Crítica, comprometida com o questionamento de aspectos políticos e morais da vida social”.

Assim, analistas de discurso críticos/as defendem que, embora haja muitos caminhos para se estudar os conflitos sociais de um ponto de vista crítico, o discurso é um foco privilegiado, porque articula sistemas de crença associados a grupos sociais específicos, participa na configuração de relações sociais particulares, orienta modos de ação pela linguagem. Ou, nos termos de Fairclough (2003), o discurso funciona nas práticas sociais como modos relativamente estáveis de representar o mundo, de ser/estar no mundo e de agir no mundo, de formas particulares que respondem aos condicionamentos oriundos das práticas sociais e podem reificá-los ou transformá-los.

A ADC assume, então, a tarefa de desvelar estratégias linguístico-discursivas em eventos comunicativos contextualizados, associados às práticas particulares que os geraram. Interessam os eventos comunicativos que desempenham um papel em modelos de reprodução social, não só nas relações sociais ‘de cima para baixo’, mas também nas relações sociais ‘de baixo para cima’. Com isso, o que queremos destacar é que as investigações não se voltam unicamente para discursos associados a grupos dominantes; focalizam também vozes de grupos em posição de desvantagem nas estruturas de dominação. Aqui, mais uma vez, cabe referência à contribuição da REDLAD a esse debate (Pardo, 2008b; Montecino, 2010).

No que se refere às perspectivas metodológicas, a ADC coaduna-se com paradigmas interpretativistas. Como Pardo (2008a) argumenta, depois de 500 anos de predomínio do paradigma positivista, inclusive nas ciências sociais, na última metade do século XX tomou forma um movimento voltado ao interpretativismo, e, no interior desse movimento, fortaleceu-se o uso de métodos qualitativos que permitem abordar problemas sociais, cuja essência é inerentemente qualitativa. De fato, dificilmente se poderia revelar aspectos qualitativos de problemas sociais com base apenas em estudos predominantemente estatísticos ou quantitativos.

Devido à variedade de abordagens interpretativistas, é preciso qualificar a natureza do trabalho interpretativo em ADC, e nesse sentido Ramalho & Resende (2011: 113) explicam que “uma análise discursiva crítica não se confunde com simples leitura e interpretação (...) porque contamos com conceitos associados a categorias analíticas aplicadas sistematicamente”. Assim, o que permite que o trabalho realizado sobre o texto seja uma análise explanatória, nos termos do Realismo Crítico, é que a análise “conjuga teoria e material empírico para investigar sentidos do texto, tendo em vista seus efeitos sociais”.

Nesse sentido, van Dijk (2003) sustenta que com análise discursiva é possível rastrear relações internas entre discurso e sociedade, isto é, mapear como, por meio de estratégias linguístico-discursivas específicas, materializadas em textos, discursos configuram modos posicionados de representação. E essas construções simbólicas podem ser ideologicamente informadas (Thompson, 2002). Nas palavras de Pardo Abril (2007: 165), “o discurso, sendo construção social e subjetiva da realidade, materializa: a organização social, as formas de representação do mundo, (...) a preservação e a modificação da ordem social”. À ADC interessa investigar como isso ocorre.

3. O Método sincrônico-diacrônico para análise linguística de textos

A abordagem do estudo de processos sociais pelo *Método sincrônico-diacrônico para análise linguística de textos* é adequada ao programa de investigação da ADC porque permite analisar textos qualitativamente e em profundidade, para em seguida passar a sua interpretação e explanação em termos do contexto em que foram produzidos, distribuídos e consumidos. Uma explicação bastante detalhada do método está disponível em Pardo (2011), e aqui nos limitamos a apresentar suas características principais e seus conceitos mais relevantes, a fim de facilitar a compreensão da análise empreendida na próxima seção.

A natureza do *Método sincrônico-diacrônico para análise linguística de textos* não é sintático-gramatical, mas predominantemente semântico-discursiva, já que a perspectiva de análise que se propõe é “funcional ao significado e, portanto, é funcional a relações vinculadas aos argumentos” (Pardo, 2011: 69). Isso significa que, na análise dos textos, é mais importante identificar propósitos comunicativos que estudar a estrutura da língua. Assim, o método permite identificar as categorias gramaticalizadas e as categorias semântico-discursivas presentes em textos. Pardo (2011) explica que as primeiras aparecem em todo texto, independente do gênero discursivo que materialize, e por isso as categorias gramaticalizadas são consideradas obrigatórias – sua frequência mantém-se alta em diferentes gêneros discursivos. Já as categorias semântico-discursivas são próprias do universo de significação que se constrói em cada texto. Note-se que as categorias gramaticalizadas são classificadas como tal em virtude de sua ocorrência alta em variados textos, mas sua classificação como ‘gramaticalizadas’ não exclui o reconhecimento de sua carga semântico-discursiva, obviamente. A oposição entre os dois tipos de categoria, portanto, refere-se não a seu conteúdo semântico-discursivo, mas a seu grau relativo de obrigatoriedade. Além disso, as categorias semântico-discursivas variam de texto a texto, não só em seu conteúdo semântico, mas também em suas funções discursivas, e as categorias gramaticalizadas mantêm sempre as mesmas funções em textos.

Segundo a autora, as categorias gramaticalizadas são as seguintes:

- *Falante-Protagonista (F-P)*: qualquer pessoa pronominal ou qualquer referente nominal que exprima os argumentos do Falante-Protagonista. Essa categoria, vale ressaltar, não aparece necessariamente na posição de sujeito gramatical ou lógico da emissão. A categoria é chamada Falante-Protagonista porque às vezes pode se realizar com uma pessoa que assume a fonte da emissão (Falante) e outras vezes pode ser um objeto ou diversos objetos ou nomes que o/a Falante ‘faz falar’ em seu lugar – por exemplo, em ‘A escola é indispensável para a educação’, ‘a escola’ é o

F-P –, e nesses casos o Falante propriamente dito pode não aparecer como uma pessoa dizente. Esse efeito pode ser utilizado estrategicamente em textos.

- *Nexo de valor 1 (Nv1)*: ações por meio das quais o *Falante-Protagonista* ‘age’ de alguma maneira. Não são necessariamente processos ou verbos.
- *Ator/Atores*: qualquer pessoa pronominal ou referente nominal que exprima argumentos que apóiem ou refutem os argumentos sustentados pelo *Falante-Protagonista*.
- *Nexo de valor 2 (Nv2)*: ações por meio das quais a categoria *Ator/Atores* age de alguma maneira. Não são necessariamente processos ou verbos.
- *Tempo e Espaço*: tanto a categoria *Tempo* como a categoria *Espaço* respondem à orientação espaço-temporal própria de qualquer texto.
- *Operador pragmático (OP)*: aparece em todo texto e tem diferentes funções, como sinalizar ao/à ouvinte-leitor/a como se deve interpretar a parte da emissão a que se relaciona; conectar emissões e partes de emissões com relações de sentido específicas; ou até possibilitar ao/à *Falante-Protagonista* interpelar o/a ouvinte-leitor/a, por exemplo buscando sua cumplicidade.
- *Negação (Neg)*: a categoria *Negação* é o que se classifica como categoria flutuante, já que pode aparecer negando o verbo ou outras palavras ou setores de uma emissão. Essa categoria não carrega o mesmo grau de obrigatoriedade das demais.

A aplicação crítica do método a diferentes *corpora* de textos confirmou ser um modo eficiente para se analisar como os atores sociais representam e reconstróem discursivamente o mundo, porque permite mapear o modo como esses atores categorizam linguisticamente sua realidade. Desse modo, por meio do *Método sincrônico-diacrônico para análise linguística de textos*, pode-se estudar qualitativamente

as categorias gramaticalizadas e as categorias semântico-discursivas que se materializam em textos particulares. Tomemos como exemplo o seguinte enunciado:

*“... aunque tenga que vivir haciéndome una carpa en un terreno, mientras sea feliz con mis tres hijos. La familia es un hogar.”*¹²

Podemos dizer que temos aí duas emissões:¹³

- e1 [... aunque tenga que vivir haciéndome una carpa en un terreno, mientras sea feliz con mis tres hijos.]
e2 [La familia es un hogar.]

Com base no método, como seu nome indica, pode-se analisar as categorias de modo sincrônico, ou seja, em sua ocorrência *dentro de cada emissão* (o que se sinaliza, no Quadro 1 a seguir, pelas setas horizontais), e também diacronicamente, isto é, ao longo de todo o texto *dentro de uma mesma categoria* (o que se sinaliza pelas setas verticais). O exemplo permite observar como a informação se distribui, em categorias gramaticalizadas (*Operador pragmático, Falante-Protagonista, Nexo de valor 1, Espaço, Ator e Nexo de valor 2*), em relação à categoria semântico-discursiva *Lar*. Vejamos o Quadro 1:

12. Os dados originais são da pesquisa de Marchese (no prelo). Uma possível tradução para o português seria ‘... ainda que eu tenha de morar em uma barraca, desde que seja feliz com meus três filhos. A família é um lar’.

13. Segundo Pardo (2011), uma emissão é uma proposição lógica posta em uso (em inglês, *utterance*).

Quadro 1 – Mapeamento sincrônico-diacrônico do excerto (Marchese, no prelo)

CATEGORIAS GRAMATICALIZADAS						CATEGORIA SEMÁNTICO-DISCURSIVA
Operador pragmático	Falante-Protagonista	Nexo de valor 1 (relacionado ao F-P)	Espaço físico	Ator (Familia)	Nexo de valor 2 (relacionado ao Ator)	Hogar
[... aunque		tenga que vivir haciéndome	una carpa en un terreno,			
mientras		sea				
	feliz			con		
	mis			tres hijos.]		
				[La familia	es	un hogar.]

Um elemento do *Método sincrônico-diacrônico para análise linguística de textos* que merece nota é o *Nexo de Valor*. Esse conceito está intimamente ligado à natureza semântico-discursiva, e não sintático-gramatical, do método, porque por meio da observação dos nexos de valor pode-se realizar análises profundas de textos, sem se prender ao conceito de *verbo*.

A emissão que segue no Quadro 2, retirada do documento *Guía de Servicios Sociales 2008*, do Ministério de Desenvolvimento Social do Governo da Cidade Autônoma de Buenos Aires (GCABA), nos servirá de exemplo.¹⁴ Observe-se como a nominalização deverbal¹⁵ ‘atenção’ é utilizada como nexos por meio do qual o Falante-Protagonista

14. Os dados originais são da pesquisa de Marchese (2011, manuscrito inédito): “*El propósito de esta guía es brindar información actualizada sobre los servicios del Ministerio de Desarrollo Social para la atención de la población de la Ciudad de Buenos Aires, especialmente aquella que se encuentra en situación de pobreza y vulnerabilidad social*”. Uma possível tradução para o português seria ‘O propósito deste guia é fornecer informação atualizada sobre os serviços do Ministério de Desenvolvimento Social para o atendimento à população de Buenos Aires, especialmente aquela parcela que se encontra em situação de pobreza e vulnerabilidade social’.

15. Uma nominalização deverbal é aquela por meio da qual se deriva um substantivo a partir de uma forma verbal. Por exemplo, em português alguns dos sufixos que formam substantivos a partir de formas verbais são ‘-ção’ (mobilizar > mobilização) e ‘-mento’ (deslocar > deslocamento).

(Ministério de Desenvolvimento Social do GCABA) representa a relação que estabelece com o Ator (pessoas e famílias em situação de pobreza).

Quadro 2 – Excerto do documento *Guía de Servicios Sociales 2008* (Marchese, 2011, inédito)

CATEGORIAS GRAMATICALIZADAS					CATEGORIA S-D
OP	F-P (Ministerio de Desarrollo Social del GCABA)	Nv1	Ator (pessoas e famílias em situação de pobreza)	Nv2	Guía de Servicios Sociales
					[El propósito de esta guía
		es brindar *			información actualizada sobre los servicios
	del Ministerio de Desarrollo Social	para la atención	de la población de la Ciudad de Buenos Aires,		
especialmente			aquella que	se encuentra	
			en situación de pobreza		
y			vulnerabilidad social.]		

* Neste exemplo, note-se que o verbo “es”, ainda que esteja gramaticalmente ligado à categoria semântico-discursiva Guía de Servicios Sociales, atua discursivamente como um nexos de valor por meio do qual o Falante-Protagonista – Ministerio de Desarrollo Social del GCABA – age discursivamente. De fato, os processos classificados por Halliday (2004) como processos relacionais são o melhor exemplo da situação discursiva em que o papel de processos não é necessariamente instanciar um Ator, mas descrever uma relação entre determinadas partes do texto.

No excerto destacado no Quadro 2, ‘*atención*’ é um elemento que, discursivamente, não atua apenas como substantivo; por sua natureza deverbal, que provém de *atender*, representa ação que o GCABA textualmente dirige a pessoas e famílias em situação de pobreza. Isso porque nominalizações como essa, por sua conformação morfêmica, que difere da de outros substantivos que não provém de formas verbais (como árvore, por exemplo), envolvem ações, e desse modo se projetam.

No excerto, a ação nominalizada projeta-se do Falante-Protagonista para as pessoas em situação de pobreza representadas no texto.

No exemplo, a categoria semântico-discursiva *Guia de Serviços Sociais* é extremamente relevante na configuração do texto (de fato, é a primeira categoria semântico-discursiva a aparecer no texto), e o fragmento que focalizamos tem, inclusive, um alto grau de auto-referencialidade, o que se deve ao fato de o Falante-Protagonista introduzir, nesse fragmento, o propósito da produção e da circulação do guia, para em seguida abordar o desenvolvimento dos serviços. Segundo Pardo (2011), as categorias semântico-discursivas podem ser analisadas em profundidade na observação diacrônica, (isto é, no sentido das colunas), mas também podem ser vistas como propriedades de uma representação discursiva, já que uma representação discursiva configura-se em uma categoria ou um conjunto de categorias, especialmente do tipo semântico, por meio das quais se pode compreender a particularidade de cada discurso.

O testemunho que analisamos na próxima seção, entretanto, tem uma particularidade: o Falante-Protagonista desenvolve uma representação discursiva da pobreza que se constrói nas categorias gramaticalizadas, e assim é que não figuram categorias semântico-discursivas. Uma possível categoria semântico-discursiva na representação construída no texto poderia ser *Crenças religiosas*, mas a materialidade discursiva do testemunho é difusa nesse sentido para sustentar a presença dessa categoria na análise – o que queremos dizer é que embora o tema *Crenças religiosas* esteja presente, sua carga semântica se realiza nas categorias gramaticalizadas, prescindindo de categorias semântico-discursivas, que não figuram no texto.

Na próxima seção, aprofundaremos os detalhes da análise sincrônico-diacrônica do testemunho de Paulo Trindade.

4. O testemunho de Paulo Trindade: uma análise sincrônico-diacrônica

O número 123 da revista *Cais* foi publicado em outubro de 2007, apresentando um editorial intitulado “Erradicar a pobreza”. O

texto, que articula vozes de pessoas em situação de rua, tem um primeiro parágrafo de autoria do diretor da publicação. Em seguida, são organizados cinco textos assinados por “habituais frequentadores do Centro CAIS de Lisboa”: Arnaldo Rozembaum Spatz, Paulo Trindade, Dinis Dinis, Paulo Amador e Marta Lopes.

Henrique Pinto justifica essa organização coletiva do editorial: naquele mês, já que a “agenda internacional” tinha “em programa debruçar-se sobre o fenómeno da pobreza no mundo, o editorial da CAIS só podia ser assinado por quem é seu refém”. A referência é ao dia 17 de outubro, o Dia Mundial da Erradicação da Pobreza.

A identificação das pessoas em situação de rua na voz editorial institucional se texturiza como “habituais frequentadores do Centro CAIS de Lisboa”, por um lado, e como “reféns” da pobreza, por outro. Essa representação, embora pareça ambígua, traduz uma perspectiva de passivização dos sujeitos. Para Resende & Alexandre (2011):¹⁶

Com efeito, ser frequentador/a constitui uma condição com fracos efeitos sobre o mundo material, dado que a natureza comportamental de ‘frequentar’ situa essa ação no plano do comportamento, numa zona intermediária entre o mundo das intenções e da vontade, por assim dizer, e distante do mundo das ações materiais. A natureza comportamental é intensificada pelo uso classificatório do adjetivo ‘habituais’. Por seu turno, ser ‘refém’ constitui uma situação de privação máxima de autonomia e, conseqüentemente, de agência. Curiosamente, nota-se ainda que as pessoas em situação de rua estão representadas em relação com duas entidades: o Centro CAIS de Lisboa e a pobreza. No primeiro caso, é a entidade que enquadra e circunstancializa o comportamento; no segundo caso, é a entidade que detém poder de agência. No que concerne à agência, tanto as pessoas em situação de rua quanto o Centro CAIS são, portanto, atores sociais representados em clara desvantagem face à pobreza.

Nesta seção, focalizaremos um dos testemunhos, aquele assinado por Paulo Trindade:

16. Resende & Alexandre (2011) realizaram uma análise dos cinco depoimentos do editorial, explorando, como categorias analíticas, o sistema de Transitividade além de interdiscursividade, pressuposição, avaliação, modalidade.

Este é um daqueles temas que tem muito que se lhe diga, e acima de tudo, muito a fazer. Se fossemos então pela pobreza de espírito nunca mais acabávamos, pois essa é que é verdadeiramente grave. É grave porque está ao alcance de todos. É essa pobreza que comanda a outra, pois são as pessoas pobrezitas de espírito que agudizam a pobreza dos pobres, dos cinzentos, como eu me chamo. Esses é que deveriam experimentar ser pobre, talvez abrissem o espírito ao evidente e a vida seria muito melhor. Aqueles que tem o poder de decidir, se canalizassem a energia que gastam em coisas sem verdadeiro significado, para decidirem melhor, se conseguissem ser mais “ricos”. O cinzento seria um pouco mais claro...

Paulo Trindade

Nossa análise incorpora a tecnologia metodológica para análise de textos desenvolvida por Pardo (2011), reconhecida como *Método sincrônico-diacrônico para análise linguística de textos*. Para facilitar a visualização da análise e da aplicação do método, apresentaremos o texto em fragmentos sequenciais, organizados em quadros e seguidos de nossas reflexões analíticas.

Quadro 3 – Depoimento de Paulo Trindade, emissão 1

OP	Neg	A POBREZA				Tempo
		F-P (A pobreza material)	Nv1	Ator (A pobreza de espírito)	Nv2	
		e1[Este	é	(e1[Este)d	(é)d	
		um daqueles temas que	tem	(um daqueles temas que)d	(tem)d	
			m u i t o que se lhe diga,			
e acima de tudo,					muito a fazer.]	

Na emissão 1 do depoimento de Paulo Trindade, estamos diante de uma situação interessante, em termos da configuração das categorias gramaticalizadas no texto: temos ‘a Pobreza’, como entidade abstrata mais ampla, funcionando como uma macro-categoria que se projeta para o Falante-Protagonista (a pobreza material) e o Ator (a pobreza de espírito). Assim, o texto constrói uma visão geral sobre a pobreza, que não é representada como questão vinculada apenas às pessoas que atravessam situações de pobreza material (F-P), mas também a pessoas que, por sua ‘pobreza de espírito’, não são capazes de enxergar além de seus próprios interesses (Ator).

É nesse sentido que apresentamos, no Quadro 3, a duplicação de “Este é um daqueles temas que tem” para as duas categorias (F-P e Ator). A duplicação (Marchese, 2011) é formalmente marcada por “() d”, marca utilizada para os casos pontuais em que um nexos de valor ou um referente nominal está associado a mais de uma categoria, sejam categorias gramaticalizadas ou semântico-discursivas.

No Quadro 3, queremos destacar a classificação de “muito a fazer” na Coluna Nv2. Entre as categorias que o texto articula, entendemos que “muito a fazer” vincula-se mais com o que se espera das atitudes dos “pobres de espírito” (Ator) que com as ações esperadas dos “pobres materiais” (F-P). Embora os nexos de valor “muito que se lhe diga” e “muito a fazer” tenham o mesmo sujeito gramatical,¹⁷ “um daqueles temas” – a pobreza de modo geral, que identificamos como macro-categoria no texto –, nossa análise aponta que já nesse início do texto a macro-categoria ‘pobreza’ já começa a se fragmentar em dois tipos de pobreza: a material (que tem “muito que se lhe diga”) e a de espírito (que tem “muito a fazer”). Essa análise é significativa para a representação de pobreza no texto, e se confirma nos excertos seguintes.

17. Note-se que o *método sincrônico-diacrônico para análise linguística de textos* não se pretende sintático-gramatical, mas fundamentalmente semântico-discursivo (veja a seção “O método sincrônico-diacrônico”).

Quadro 4 – Depoimento de Paulo Trindade, emissão 2

OP	Neg	A POBREZA				Tempo
		F-P (A pobreza material)	Nv1	Ator (A pobreza de espírito)	Nv2	
e2[Se			fossemos			
então				pela pobreza de espírito		n u n c a mais
			acabávamos,			
pois				essa	é	
				que	é	
				verdadeiramente grave.]	e3[É	
				grave		
porque					está ao alcance	
		(de todos.) d]		(de todos.)d]		

Em relação a esse excerto, em primeiro lugar queremos chamar atenção para a duplicação de “de todos”. No caso específico de “de todos” nesse texto, destacamos a duplicação do referente porque entendemos que o efeito da inclusão dessa frase é deixar claro que todos os seres humanos podem ser ‘pobres de espírito’, independentemente de atravessarem situações de pobreza material. Daí que “de todos” é duplicado, referindo-se tanto à categoria “pobreza material” (F-P) quanto à categoria “pobreza de espírito” (Ator). Se observarmos, no sentido diacrônico, as colunas F-P e Ator no Quadro 4, já notamos que o foco do excerto é a pobreza de espírito, e não a pobreza material – observe-se a densidade de itens classificados em uma e outra coluna.

Paulo Trindade inicia seu texto afirmando a relevância do tema ‘pobreza’ e a necessidade de ação – a pobreza é avaliada como questão

a ser debatida e como problema a ser combatido. Entretanto, cria-se uma oposição entre a pobreza material e a “pobreza de espírito”, esta classificada como sendo mais grave que a primeira. Isso parece mitigar a gravidade da pobreza material, colocada em segundo plano – especialmente pelo uso da estrutura “é que é”, que carrega em si a negação da gravidade de seu duplo, a pobreza material.

Em seguida, o autor define a natureza dessa gravidade: “É grave porque está ao alcance de todos”. Na oposição entre ‘pobreza material’ e ‘pobreza espiritual’, essa causalidade adquire relevo: se é esse aspecto da ‘pobreza de espírito’ que a torna mais grave que a pobreza de fato, então pode-se supor que a pobreza material não estaria “ao alcance de todos”, o que demarca uma representação da natureza desigual da distribuição de recursos materiais na sociedade – existe uma parcela da população para a qual os bens materiais estão, a priori, (in)disponíveis (Resende & Alexandre, 2011).

Vejamos as emissões 4 e 5, organizadas no Quadro 5, a seguir:

Quadro 5 – Depoimento de Paulo Trindade, emissões 4 e 5

OP.	Neg.	A POBREZA				Tempo
		F-P (A pobreza material)	Nv1	Ator (A pobreza de espírito)	Nv2	
					e4[É	
				essa pobreza que	comanda	
		a outra,				
pois					são	
				as pessoas pobrezi- tas de espírito que	agudizam	
		a pobreza dos pobres,				
		dos cinzen- tos,				

como		eu me	chamo.]	e5[Esses	é	
				que	deveriam experimentar ser	
		pobre,				
talvez					abrissem o espírito ao evidente	
e			(a vida seria muito melhor.)d]		(a vida seria muito melhor.)d]	

Destacamos, nas três primeiras linhas da emissão 5, a frase “esses é que deveriam experimentar ser pobre”. O destaque deve-se ao deslocamento discursivo da categoria Nv2 para a categoria F-P. Esse deslocamento é nuclear e está precisamente no centro do texto. O deslocamento discursivo significa que há um movimento textual da categoria Nv2 “deveriam experimentar ser” até a categoria F-P “pobre”. Consideramos o deslocamento nuclear porque condensa a tese em favor da qual Trindade argumenta no texto – a tese poderia ser sumarizada assim: ‘os pobres de espírito deveriam colocar-se no lugar dos pobres materiais’.

Também aparece nesse trecho uma duplicação, da frase “a vida seria muito melhor” – essa virtual melhoria seria distribuída para o conjunto da sociedade, incluindo os ‘pobres materiais’ e os ‘pobres de espírito’. Assim, a duplicação se deve a que a ação mencionada em Nv2 geraria uma ‘vida melhor’ tanto para quem atravessa situações de pobreza material como para quem é identificado como “pobre de espírito”. Mas isso dependeria, na representação texturizada por Paulo Trindade, da experiência com a pobreza material por parte de quem experimenta a “pobreza de espírito” – modalizada com alta afinidade deôntica, com “deveriam”. O uso da frase verbal com ‘dever’ é significativo: a escolha textual não é ‘poderiam experimentar ser’, que seria uma modalização de possibilidade, mas “deveriam experimentar ser”, o que modaliza essa experiência como uma espécie de ‘dever moral’.

É de se destacar a relação que se estabelece entre ‘pobres de espírito’ e ‘pobres de fato’. No texto, não se questiona a existência de pessoas sem acesso aos recursos básicos, mas antes a forma como aquelas que têm esse acesso garantido se relacionam com a pobreza material. O grupo dos “pobres de espírito” é classificado como responsável pelo agravamento da situação daqueles/as que atravessam situações de pobreza material, e como responsável pela transformação dessa situação, já que a melhoria virtualmente vislumbrada dependeria de uma ação atribuída a esse Ator.

Quadro 6 – Depoimento de Paulo Trindade, emissões 6 e 7

OP	Neg	A POBREZA			Tempo
		F-P (A pobreza material)	Nv1	Ator (A pobreza de espírito)	
				e6 [Aqueles que	tem o poder de decidir,
se					canalizassem a energia que gastam em coisas
	sem				verdadeiro significado,
					para decidirem melhor,
se					conseguissem ser
				mais “ricos”.]	
		e7 [O cinzen- to	seria		
		um pouco mais claro...]			

No Quadro 6, a categoria Ator (a pobreza de espírito) e, principalmente, a categoria Nv2, que corresponde a esse Ator, estão mais carregadas semanticamente que as categorias F-P e Nv1. Isso evidencia, linguisticamente, que as possíveis soluções aventadas para o problema da pobreza material enfocam ações de outras pessoas, que não atravessam essa situação. Desse modo, as pessoas que de fato estão em condição de pobreza material aparecem posicionadas em um lugar passivo em termos da (im)possibilidade de empreenderem ações para a mudança social.

Somado a isso, podemos identificar os tipos de processos envolvidos na representação (Halliday, 2004). Resende & Alexandre (2011) realizaram uma análise desse depoimento com base no sistema de Transitividade, e em relação aos tipos de processo destacaram a presença de processos dos tipos verbal e relacional em associação ao elemento que aqui classificamos como Falante-Protagonista; e processos dos tipos relacional, material e comportamental/mental¹⁸ em associação ao elemento aqui classificado como Ator. Assim, na categoria Nv1 (associada ao F-P) não aparecem processos materiais nem comportamentais ou mentais, mas sobretudo processos verbais¹⁹ – ‘dizer’ (e1), ‘ir [por]’ (e2), acabar [de dizer]’ (e2), ‘chamar’ (e4)²⁰ – e processo relacional – ‘ser’ (e7). Na categoria Nv2 (associada ao Ator), por outro lado, aparecem os processos materiais – ‘comandar’ (e4), ‘agudizar’ (e5), ‘canalizar’ (e6) – e comportamentais/mentais – ‘experimentar’ (e5), ‘abrir [o espírito]’ (e5). Nessa representação, portanto, quem pensa, decide e atua são os ‘não pobres de fato’.

No Quadro 6, ainda destacamos que o texto termina como dois períodos condicionais (ou hipotéticos), iniciados com o operador pragmático ‘se’, ao qual se relacionam os nexos de valor – no modo

18. Para Resende & Alexandre (2011), os processos em “experimentar ser pobre” e “abrissem o espírito” acumulam uma forte dimensão mental à comportamental.

19. Resende & Alexandre (2011) classificam os processos em destaque no complexo oracional “Se *fossemos* então pela pobreza de espírito nunca mais *acabávamos*, pois essa é que é verdadeiramente grave” como processos verbais.

20. Nos termos da LSF, ‘chamar’ não seria de fato classificado como processo nessa representação, já que se trata de oração encaixada com valor circunstancial (“como eu me chamo”).

subjuntivo, ligado ao desejo e à possibilidade – “canalizassem” e “conseguissem”. Esses nexos de valor representam ações imaginadas para o Ator, para os ‘pobres de espírito’.

Se mapearmos como a categoria OP está semanticamente carregada no texto, na direção diacrônica, isto é, a das colunas, teremos:

Quadro 7 – Distribuição textual dos operadores pragmáticos

OP	Emissão
e acima de tudo,	(e1)
Se	(e2)
então	(e2)
pois	(e2)
porque	(e3)
pois	(e4)
como	(e4)
talvez	(e5)
e	(e5)
se	(e6)
se	(e6)

Como mostra o Quadro 7, ao início do texto, na emissão 2, se encontra um período condicional com ‘se’; em seguida uma série de operadores pragmáticos que articulam justificações – ‘então’, ‘pois’, ‘porque’, ‘pois’, ‘como’ –, e finalmente o texto volta aos períodos condicionais ou hipotéticos, por meio dos operadores ‘talvez’, ‘se’, ‘se’, que culminam no verbo que denota um modo hipotético: ‘seria’, na emissão 7. O uso de períodos condicionais, sobretudo ao final do texto (emissão 6), acrescentam mais evidência linguística ao que observamos nas análises anteriores a respeito da baixa agentividade, apresentada na categoria F-P, em relação a ações materiais mais autônomas, voltadas para a modificação da situação de pobreza material, isto é, ações que não dependam totalmente de outros atores sociais.

Nesse sentido, note-se a correspondência entre ‘não-pobres de fato’ e “aqueles que têm o poder de decidir”. Pela oposição criada no

texto entre ‘pobres de espírito’ e ‘pobres de fato’, pode-se inferir que esses últimos não teriam o mesmo poder de decisão. Não se reconhece a possibilidade de mudança social partindo desse grupo; o texto focaliza possíveis soluções para a pobreza apenas nas ações de pessoas não pobres, o que minimiza a agentividade de pessoas em situação de pobreza para acionar transformações de sua situação.

Considerações finais

Nossa análise mostrou que o testemunho de Paulo Trindade apresenta a entidade abstrata “Pobreza” como uma macro-categoria semântica incluindo o *Falante-Protagonista* (que representa a pobreza material) e o *Ator* (que representa a pobreza de espírito). Cria-se uma oposição entre a pobreza material e a “pobreza de espírito”, esta classificada como sendo mais grave que a primeira. Isso parece mitigar a gravidade da pobreza material, que é deixada em segundo plano. A relação que o texto estabelece entre “os pobres materiais” e “os pobres de espírito” não questiona a existência de grupos sociais sem acesso a recursos básicos, isto é, a pobreza como tal, mas os modos como se relacionam ou deveriam se relacionar com esses grupos aqueles outros grupos que têm esse acesso garantido na distribuição de recursos na sociedade.

Por outro lado, o autor do testemunho reconhece a divisão social dos recursos materiais e simbólicos na sociedade, associada à questão de classe, já que representa, em seu texto, uma pobreza de espírito que seria mais grave que a pobreza material justamente por estar ‘acessível’ a todos/as, o que carrega o pressuposto de que a pobreza de fato é um fardo ao qual certos grupos sociais, e não outros, já estão em princípio ‘pré-dispostos’, de acordo com sua localização na estrutura social. Mesmo assim, no texto não se questiona a existência de pessoas sem acesso aos recursos básicos, mas antes a forma como aquelas que têm esse acesso garantido se relacionam com a pobreza material.

Os modos de fragmentação dessa macro-categoria evidenciam que as ações materiais associadas a possíveis soluções para o problema da pobreza extrema estão relacionadas ao *Ator*, e não ao

Falante-Protagonista. Essa evidência linguística decorre da observação diacrônica das colunas correspondentes a *Nv1* e a *Nv2*, que representam, respectivamente, as ações do *Falante-Protagonista* e do *Ator*. Enquanto a categoria *Nv1* apresenta pouca densidade semântica e carece de processos materiais, a categoria *Nv2* é mais carregada semanticamente e conta com processos de fazer. Possíveis soluções aventadas para o problema da pobreza material, então, enfocam ações de outras pessoas, que não enfrentam essa situação. Pessoas que de fato estão em condição de pobreza material aparecem posicionadas em um lugar passivo, impossibilitadas de empreenderem ações para a mudança social.

Além disso, o testemunho começa e termina com períodos condicionais, iniciados com o *Operador pragmático* “se”, ao que se soma o uso de verbos no subjuntivo, utilizados como *Nexo de valor*, especialmente na coluna que corresponde a *Nv2*, ligada ao *Ator* – a pobreza de espírito. O resultado é que o testemunho liga-se ao hipotético, às afirmações *irrealis*; enquadra-se numa expressão de desejo ou de possibilidade, mas essas possibilidades focalizam ações do *Ator*, mitigando a agentividade ou a capacidade de ação transformadora por parte do *Falante-Protagonista*.

Em resumo, podemos dizer que pessoas em situação de pobreza material são representadas no texto como dependentes de ações políticas de outros grupos (“aqueles que têm o poder de decidir”), como incapazes de organização para a transformação de sua situação; e que a focalização da pobreza de espírito como questão mais grave que a pobreza de fato mitiga o reconhecimento da pobreza material como um problema social a ser enfrentado por meio de ações coordenadas de um ator social coletivo, engajado na transformação de práticas e estruturas sociais. Assim, a pobreza é reconhecida mais no plano moral que no plano social.

Recebido em: 08/08/2011

Aprovado em: 11/10/2011

viviane.melo.resende@gmail.com

marianacmarch@hotmail.com

Referências bibliográficas

ACOSTA, M. P. T.; RESENDE, V. M. “‘Não deu no rádio, no jornal ou na televisão’. Análise discursiva crítica de textos do jornal *O Trecheiro*”. In: OTONNI, M. A.; LIMA, M. C. (Orgs.). *Análise de Discurso Crítica. Teoria e aplicação em diferentes contextos*. Uberlândia: UFU, no prelo.

CAIS. Um instrumento de capacitação para a participação de pessoas em situação de Sem-Abrigo. Disponível em < <http://www.cais.pt/projectos/view/5/revista-cais>>. Acesso em jul. 2011.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University, 1999.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press in association with Blackwell Publisher, 1992.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London; New York: Routledge, 2003.

FOWLER, R. *et al. Language and control*. London; Boston; Henley: Routledge & Kegan Paul, 1979.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*, 3rd ed. revised by C. M. I. M. Matthiessen. London: Edward Arnold, 2004.

INSP. International Network of Street Papers (Rede Internacional de Jornais de Rua), “What is a street paper?”. Disponível em <<http://www.street-papers.org>>. Acesso em jul. 2011.

MAGALHÃES, I. *Eu e tu: a constituição do sujeito no discurso médico*. Brasília: Thesaurus, 2000.

MAGALHÃES, I. Teoria crítica do discurso e texto. *Linguagem em (dis)curso*, 4 (especial), 2004: 113-132.

MARCHESE, M. C. *La construcción de la ayuda social en el discurso del Ministerio de Desarrollo Social del Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires*, 2011, manuscrito inédito.

MARCHESE, M. C. ¿Cómo definir el valor del signo *vivienda*? Una contribución desde el Análisis Crítico del Discurso al estudio de la

problemática habitacional en la Ciudad de Buenos Aires. In: *Aproximaciones interdisciplinarias al estado de los Estudios del Discurso*. Bogotá: Instituto de Estudios en Comunicación y Cultura (IECO), no prelo.

MARCHESE, M. C. *El texto como unidad de análisis socio-discursiva*. Una propuesta a partir del Método sincrónico-diacrónico de análisis lingüístico de textos, Buenos Aires: Tersites, 2011.

MATTOS, R. M. & Ferreira, R. F. “Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua”, *Psicologia & Sociedade*, 16 (2), 2004: 47-58.

MONTECINO, L. (Org.) *Discurso, pobreza y exclusión en América Latina*. Santiago: Cuarto Propio, 2010.

ONU (2011), Organização das Nações Unidas, “Habitat. 100 million homeless in world. Most are women and dependent children”. Disponível em <<http://www.un.org/Conferences/habitat/unchs/press/women.htm>>. Acesso em jul. 2011.

PARDO ABRIL, N. G. *Cómo hacer Análisis Crítico del Discurso*. Una perspectiva Latinoamericana. Santiago: Frasis, 2007.

PARDO, M. L. Una metodología para la investigación lingüística del discurso. In: Pardo, M. L. (Org.) *El discurso de la pobreza en América Latina. Estudio de la Red Latinoamericana de Análisis Crítico del Discurso*. Santiago: Frasis, 2008a, p. 55-78.

PARDO, M. L. (Org.). Análisis crítico de los discursos de las personas en situación de pobreza extrema en América Latina, volume monográfico *Discurso & Sociedad*, 2 (2), 2008b.

PARDO, M. L. (Org.). Critical and Cultural Discourse Analysis from a Latin-American perspective, especial issue *Journal of Multicultural Discourses*, 5 (3), 2010.

PARDO, M. L. *Teoría y metodología de la investigación lingüística*. Método sincrónico-diacrónico de análisis lingüístico de textos. Buenos Aires: Tersites, 2011.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M.. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.

RESENDE, V. M. *Análise de discurso crítica e realismo crítico*. Implicações interdisciplinares. Campinas: Pontes, 2009.

RESENDE, V. M.; ALEXANDRE, M. F. Gente que já não se sente humana por ser tratada como lixo – análise discursiva crítica de um editorial da revista *Cais*. *Proceedings of the 38th International Systemic Functional Congress*, Lisboa, 2011.

SILVA, D. E. G. Critical Discourse Analysis and the functional bases of language. In: L. Bárbara & T. B. Sardinha (Orgs.) *Proceedings of the 33rd International Systemic Functional Congress*, São Paulo, 2007.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 2002.

VAN DIJK, T. A. Principles of Critical Discourse Analysis. *Discourse & Society*, 4 (2), 1993: 249-83.

VAN DIJK, T. A. ¿Un estudio lingüístico de la ideología?. In: Parodi Sweis, G. (Org.) *Discurso, Cognición y Educación*. Ensayos en Honor a Luis A. Gómez Macker. Valparaíso: Universidad Católica de Valparaíso, 1999, p. 27-42.

VAN DIJK, T. A. La multidisciplinarietà del análisis crítico del discurso: un alegato en favor de la diversidad. In: R. Wodak & M. Meyer (Orgs.) *Métodos de Análisis Crítico del Discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 143-77.

VAN DIJK, T. A. El análisis crítico del discurso (ACD), una actitud de resistencia. Entrevista a Teun A. van Dijk. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, 6 (1), 2006: 129-35.

WODAK, R. ¿La Sociolingüística necesita una Teoría Social? Nuevas perspectivas en Análisis Crítico del Discurso. *Revista Iberoamericana de Discurso y Sociedad*. Lenguaje en contexto desde una perspectiva crítica y multidisciplinaria, 2 (3), 2000: 123-47.

WODAK, R. De qué trata el análisis crítico del discurso (ACD). Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Orgs.) *Métodos de Análisis Crítico del Discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 17-34.